



Centro Universitário de Brasília - CEUB

Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES

Curso de Psicologia

**Entre feminilidade e histeria: um estudo psicanalítico a respeito do desejo sexual
feminino na contemporaneidade**

Sita Guimarães Oliveira Brasileiro

Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília

Livia Campos e Silva

Junho de 2024



Centro Universitário de Brasília - CEUB

Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES

Curso de Psicologia

**Entre feminilidade e histeria: um estudo psicanalítico a respeito do desejo sexual
feminino na contemporaneidade**

Sita Guimarães Oliveira Brasileiro

Monografia apresentada à Faculdade de
Psicologia do Centro Universitário de Brasília
– UniCEUB como requisito para a conclusão
do curso de Psicologia.

Professora-orientadora: Me. Livia Campos e
Silva

Brasília

Junho de 2024



Centro Universitário de Brasília - CEUB

Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES

Curso de Psicologia

Folha de Avaliação

Autora: Sita Guimarães Oliveira Brasileiro

Título: Entre feminilidade e histeria: um estudo psicanalítico a respeito do desejo sexual feminino na contemporaneidade

Banca Examinadora

Ma. Livia Campos e Silva - Orientadora

Dr. Guilherme Henderson - Parecerista

Psicol. Ana Carolina Menezes

Sumário

Resumo.....	2
Abstracts.....	2
Introdução.....	2
Capítulo 1: Sexualidade feminina, histeria e contemporaneidade.....	6
Sexualidade feminina em Freud e Lacan:.....	8
Histeria: entre clínica e laço social.....	10
Os imperativos de gozo neoliberais e seus efeitos no feminino.....	14
Capítulo 2: Metodologia.....	15
Procedimento de coleta do material.....	18
Procedimentos de análise do material.....	18
Capítulo 3: Resultados e discussão.....	19
Apresentação, em tabela, das mulheres entrevistadas.....	19
Tornar-se mulher: o corpo feminino como condenatório.....	21
Ideais de feminilidade.....	23
A histeria na contemporaneidade.....	28
Considerações finais.....	31
Referências Bibliográficas.....	31
Anexo A.....	35
Anexo B.....	36
Anexo C.....	40
Anexo D.....	47

Resumo

Diante das transformações sociais vivenciadas no último século que dizem respeito à feminilidade, este trabalho busca investigar os impasses do desejo feminino na contemporaneidade, a partir dos conceitos psicanalíticos de histeria e imperativo de gozo. Para tal, a metodologia utilizada foi a análise do discurso e a pesquisa psicanalítica. O estudo foi composto por duas etapas: um formulário acerca do desejo sexual feminino, que contou com 31 respostas de mulheres com idade igual ou superior a 18 anos; e entrevistas semi-estruturadas com três participantes que relataram queixas em relação ao seu desejo e satisfação sexual. A discussão centrou-se em três eixos temáticos, que se constituíram levando em consideração aspectos da construção subjetiva da feminilidade, dos ideais de feminilidade na contemporaneidade e da histeria enquanto sintoma social. Concluiu-se que a feminilidade é atravessada, atualmente, por ideais fálicos que a transformam em produto. O desejo sexual, assim, é atravessado por uma exigência narcísica de desempenho e performance. Pela via da insatisfação, a histeria nos revela, nesse contexto, uma falha na lógica fálica que estrutura a contemporaneidade neoliberal, que exige um estado perpétuo de produtividade e gozo.

Palavras-chave: feminilidade; desejo sexual; histeria; imperativos de gozo; contemporaneidade; neoliberalismo.

Abstracts

In view of the social transformations experienced in the last century that concern femininity, this work seeks to investigate the impasses of female desire in contemporary times, based on the psychoanalytic concepts of hysteria and imperatives of jouissance. To this end, the methodology used was discourse analysis and psychoanalytic research. The study consisted of two stages: a form about female sexual desire, which received 31 responses from women aged 18 or over; and semi-structured interviews with three participants who reported complaints regarding their sexual desire and satisfaction. The discussion focused on three thematic axes, which were constituted taking into account aspects of the subjective construction of femininity, the ideals of femininity in contemporary times and hysteria as a social symptom. It was concluded that femininity is currently crossed by phallic ideals that transform it into a product. Sexual desire, therefore, is crossed by a narcissistic demand for performance and productivity. Through dissatisfaction, hysteria reveals to us, in this context, a flaw in the phallic logic that structures neoliberal contemporaneity, which demands a perpetual state of productivity and jouissance.

Keywords: femininity; sexual desire; hysteria; imperatives of jouissance; contemporaneity; neoliberalism.

Introdução

Uma matéria publicada no site StartSe, em abril de 2021, relata que cresce, nos últimos anos, o ecossistema de empresas e startups que criam e inovam no mercado da sexualidade. A denominada Sextech é hoje uma indústria que movimenta, anualmente, bilhões de dólares com a oferta de terapias, aplicativos, conteúdos de autoconhecimento, brinquedos, plataformas de educação em sexualidade, drogas e cosméticos. Nunca antes na história da humanidade se venderam tantos meios de se obter prazer (Bezerra, 2021).

Entretanto, ainda que a sexualidade feminina seja um assunto midiaticizado, que os meios para se obter prazer erótico sejam comercializados livremente e os discursos sobre o sexo circulem nas massas, as pesquisas apontam para uma predominante insatisfação sexual por parte das mulheres (Abdo, 2004). Dessa forma, ainda que o gozo feminino tenha virado produto de interesse do mercado, as mulheres continuam insatisfeitas.

Tomando como base a categoria diagnóstica das disfunções sexuais, descritas no CID-10 como a “falta de interesse, falta de prazer ou falha das respostas fisiológicas necessárias para a interação sexual efetiva ou incapacidade de controlar ou experimentar orgasmo” (1993, p. 188), um estudo brasileiro reuniu 3.148 mulheres em 18 cidades e observou que 51% delas encaixavam-se no diagnóstico (Abdo, 2004). Outro, semelhante, encontrou que 49% das mulheres possuem pelo menos um tipo de disfunção sexual, sendo o desejo sexual hipotativo (26,7%) o mais frequente, seguido da dispareunia (23,1%) e da disfunção orgástica (21%) (Abdo, 2004).

Apesar dos dados divergirem em relação a fatores como regionalidade, ano e metodologias de pesquisa, os resultados apontam sempre para a maior incidência das ditas

disfunções sexuais no sexo feminino, fato que expõe a discrepância entre a satisfação erótica das mulheres e aquela dos homens.

Na psicanálise, a feminilidade se articula com a histeria para além de seus entrelaçamentos clínicos e nosológicos. Compreendida por Lacan (Safatle, Júnior & Dunker, 2018) a partir dos anos 60 enquanto modalidade de laço social, a histeria instaura-se também como discurso que interpela, demanda, reivindica e questiona o Outro. Nesse sentido, ela aponta para a

falha da ordem significante no campo da sexualidade. Escancara, em última instância, a impossibilidade da relação sexual, atravessada sempre pelo real que retorna na forma de um sintoma, indagando o sujeito a respeito de sua sexualidade. Frente a isso, a histeria se estabelece enquanto uma pergunta sem respostas que, incessantemente, esbarra na impossibilidade de simbolizar (Delgado, 2017, p. 278).

Na contramão de um saber psíquico cada vez mais delimitado a categorias nosográficas a serem medicadas, Lacan compreende a histeria enquanto uma possibilidade de subjetivação que se inscreve na dialética do sujeito com sua realidade sócio-histórica, e não meramente como um discurso patológico. Ele resgata a dinâmica desejante da histeria frente a um saber médico alienante que a dilacera em listas de sintomas que, paradoxalmente, possibilitam, à histeria, novos parâmetros de identificação. Na perpétua insatisfação histérica, lê-se um anseio pela possibilidade de se reconhecer a falta. Procura a psicanálise dar ouvidos a esta posição que perde espaço de expressão em uma sociedade que demanda o gozo, bombardeando seus consumidores de ofertas imaginárias (Silva Junior, Ambra & Silva Jr, 2014).

Frente à discussão supracitada, as seguintes perguntas são pertinentes: Por que, frente à oferta massiva de formas para se obter prazer, as mulheres continuam insatisfeitas no sexo?

De que forma o discurso neoliberal atravessa esta problemática? O que o saber psicanalítico construído sobre a histeria pode nos dizer a esse respeito?

São objetivos desta pesquisa, portanto: investigar os impasses do desejo sexual feminino na contemporaneidade, articulando-os aos conceitos psicanalíticos de histeria e feminilidade. Os objetivos específicos consistem em: (i) analisar de que forma a contemporaneidade e seus imperativos de gozo neoliberais produzem efeitos sobre a satisfação sexual das mulheres; (ii) compreender as relações entre histeria e feminilidade na atualidade e (iii) construir um saber a respeito da histeria na contemporaneidade, a partir da investigação dos impasses do desejo sexual feminino.

É inegável que a teoria freudiana foi, e em muitos sentidos continua sendo, revolucionária. Ideias como a bissexualidade originária, a perversão polimorfa e a diferenciação entre instinto e pulsão foram conceitos que subverteram as bases científicas de sua época, ajudando a ampliar as concepções a respeito da sexualidade humana.

Para justificar esta pesquisa, tomo a declaração de Freud (1996/1905, p. 13) em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, quando afirma que apenas a vida amorosa masculina tornou-se “acessível à investigação, enquanto a da mulher, em parte por causa da atrofia cultural, em parte por sua discrição e insinceridade convencionais, permanece envolta numa obscuridade ainda impenetrável.” Ainda em trabalhos mais avançados de sua obra, como a conferência XXXIII, Freud volta a dizer que o que tem a falar a respeito da sexualidade feminina continua sendo “[...] incompleto e fragmentário” (Freud, 1996/1933, p. 90).

Fica claro também que em diversos aspectos sua teoria sobre a feminilidade está arraigada em percepções sociais estigmatizantes. Ainda que seu pensamento tenha evoluído ao longo de sua vida, as bases para a compreensão da sexualidade feminina permanecem

circunscritas à masculina. Nas palavras de Colette Soler (2003), fica claro, a partir de Lacan, a incapacidade freudiana “de pensar o que é próprio da feminilidade e, mais ainda, o “forçamento” freudiano, que não soube fazer mais que transpor para as mulheres a “toesa” que valia para o homem.” (p. 11).

Tratando-se de um autor que escreveu sobre a mulher em um contexto europeu, nos séculos XIX e XX, entende-se a necessidade de pesquisas contemporâneas que abordem o tema sob uma perspectiva histórico-cultural do Brasil do século XXI. Tendo isso em mente, é necessário buscarmos, a partir de autores posteriores a Freud, referências que nos ajudem a pensar uma clínica psicanalítica do desejo sexual feminino que seja consistente com as mudanças sociais que percorremos ao longo do último século.

Esta pesquisa justifica-se também a partir da distorcida ideia de libertação sexual presente na atualidade. Nascida em um mundo pós revolução sexual, tornei-me mulher com a promessa de uma feminilidade não mais restrita aos confins do lar e da família, despida das amarras do antigo patriarcado. Como primeira geração a ter acesso, desde a infância, às novas mídias que surgiram com a popularização da internet, fui bombardeada pelas formas de se performar a feminilidade dos anos 2000, marcados pela aparente libertação do corpo feminino. Nesta época, o sexo tornou-se o tema central da indústria cultural, dando a impressão de uma quebra radical dos tabus sexuais que atravessaram os séculos anteriores. É diante desse contexto cultural que eu, filha de uma mãe solteira e irmã de três homens, vim a me configurar. E na busca por me constituir mulher, foi essa imagem hipersexualizada que me guiou.

Quando os efeitos dessa alienação alojaram-se em meu corpo, busquei na medicina um saber que desse conta da minha angústia. Ela, frente às minhas incessantes e voláteis manifestações sintomáticas, pouco teve a dizer. Somente anos mais tarde, no meu encontro

com a psicanálise e sua douda ignorância, vislumbrei a possibilidade de haver-me com a falta, a angústia e o desejo, fundadores de mim.

Foi a partir da psicanálise, também, que despontou minha fascinação pela histeria, não mais restrita a uma nosografia, mas enquanto posição subjetiva e discurso interpelador. Escrevo esta monografia como forma de dar voz à minha incessante e voraz insatisfação. Também na tentativa de dar voz e legitimidade às demais mulheres que, assim como eu, viram seu sofrimento esvaziado pela surdez do saber médico.

Capítulo 1: Sexualidade feminina, histeria e contemporaneidade

Com o surgimento de leis democráticas que inauguraram os direitos do homem e do cidadão, tornou-se necessário adequar o discurso pré-moderno de superioridade do homem sobre a mulher para um discurso que definisse diferenças essenciais a cada gênero e, conseqüentemente, a papéis naturalmente estabelecidos. A medicina foi essencial neste momento histórico, cabendo a ela elaborar um saber que definisse anatômica e fisiologicamente diferenças entre os sexos e demarcasse na natureza biológica os papéis sociais indispensáveis na implementação do novo sistema econômico: o capitalismo. Como consequência, o ideal de feminilidade calcado na maternidade e no matrimônio estava agora inscrito na anatomia feminina (Birman, 2017).

Foucault (1988, p. 8) irá dizer que até o século XVII “eram frouxos os códigos da decência e da obscenidade”. Nesse contexto, a nudez e o sexo faziam parte do cotidiano. Mas a partir de então o processo de domesticação do sexo, especialmente aquele feminino, foi crescente. Afirma o autor que “a sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca e absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir” (Foucault, 1988, p. 8).

Nesse processo, nota-se uma tentativa assídua de disciplinar os corpos, devendo o erotismo, a libido e o desejo femininos, entendidos como forças brutas e vorazes que punham em risco o funcionamento da sociedade burguesa européia, serem domados (Birman, 2002). Leite (2017) aponta que enquanto a religião circunscrevia o desejo feminino ao pecado, a ciência sexual do século XIX passa a tratá-lo como anomalia médica.

Este processo de doutrinação dos corpos não deixou de produzir sintomas. A própria fundação da psicanálise só foi possível neste contexto de intensa conturbação social. A

clássica histeria feminina surge então como um enigma, uma interpelação do saber que legislava sobre a sexualidade das mulheres (Soler, 2003).

Assim, no final do século XIX e início do século XX, o Ocidente se viu diante de uma série de manifestações intelectuais e coletivas questionadoras da lógica vigente. Como efeito, os movimentos de contracultura dos anos 60 e 70 abriram espaço para a chamada Revolução Sexual, que atribuiu novos significados à repressão dos corpos e do prazer, através da possibilidade de uma liberdade marcada pelo movimento contrário aos ditames familiares monogâmicos seguidos até então (Oliveira, Elias & Grokorriski, 2017).

Atualmente, as culturas ocidentais se ancoram nos ideais de liberdade individual e igualdade de gênero. Frente ao crescimento dos direitos concedidos às mulheres, reina o discurso de uma suposta libertação sexual (Alves, 2019). No entanto,

nesse cenário de suposta autodeterminação, patriarcado e neoliberalismo se retroalimentam por meio de mecanismos em que a violência já não se exerce mais na forma de legislações discriminatórias, mas é também fomentada por uma poderosa indústria cultural, que transforma tudo em mercadoria, inclusive os corpos e as sexualidades das mulheres (Alves, 2019).

A partir dos eixos (i) *Sexualidade feminina em Freud e Lacan*, (ii) *Histeria: entre clínica e laço social* e (iii) *Os imperativos de gozo e seus efeitos no feminino*, busca-se traçar um caminho teórico que nos ajude a pensar a sexualidade feminina e seus impasses na contemporaneidade.

Sexualidade feminina em Freud e Lacan

“Torna-se homem ou mulher pelo conjunto de representações e construções hipotéticas a respeito das suas realidades físicas” (Ambra & Silva Jr, 2014, p. 279). Neste

sentido, Freud (1905/1996) compreende, na sua conferência sobre a feminilidade, a constituição da feminilidade a partir do encontro da menina com sua própria castração.

Segundo o autor, existiriam três saídas frente a este encontro: “uma conduz à inibição sexual ou à neurose, a outra à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, e a terceira, finalmente, à feminilidade normal.” (Freud, 1905/1996, p. 83).

Na primeira, Freud faz referência à escolha histórica, onde a menina, que até então encontrava prazer através da masturbação clitoriana, inibe sua capacidade de gozo fálico. Ao conceber a mãe enquanto não-fálica, a menina rejeita seu amor por ela e, com isso, boa parte de suas aspirações sexuais (Freud, 1905/1996).

A esse respeito, Safatle, Júnior e Dunker (2018, p. 300) afirmam que

No campo da erogeneidade corporal, o complexo de castração deixaria sua marca pela dificuldade ou impossibilidade de gozo genital, expressando-se pelo evitamento das relações sexuais, pela frigidez, pelo vaginismo ou pela dificuldade em atingir o orgasmo.

Freud dá especial ênfase, neste seminário, à relação ambivalente da filha com sua mãe, sendo papel da segunda transmitir a feminilidade para a primeira. E ainda que a mulher substitua o amor pela mãe fálica ao pai, resta sempre um ressentimento da filha para com a mãe pela impossibilidade desta de lhe transmitir completamente a feminilidade.

É a partir dessa impossibilidade de transmissão que Lacan afirma não existir “a mulher” enquanto significante simbólico, apenas enquanto imagem fálica, encarnada na Mascarada, ou seja, em objetos fállicos, culturalmente relevantes, que a inserem enquanto objeto de desejo do Outro (Barbosa, 2018). Para Valdivia (1997, s/p):

É justamente esta inexistência (simbólica) que vai promover a sua existência enquanto ideal: tanto pelos homens, para os quais uma mulher é o seu sintoma, quanto para as mulheres, que se norteiam na tentativa de alcançar uma identificação feminina.

A partir desta falha, Lacan elabora, em seu seminário *Mais, ainda* (1985), a hipótese da existência de um gozo não inscrito na lógica fálica: um gozo próprio do feminino. Para o autor, o que marcaria “a divisão ante o sexual não seria uma divisão entre sexos, mas entre duas formas de gozo: um todo fálico e outro não-todo” (Valdivia, 1997, s/p).

Resgatando a obra lacaniana, León (2012) aponta para duas interpretações sobre a falta de desejo sexual na mulher. Na primeira estaria implicada uma petrificação da mulher frente à sua identificação imaginária ao falo. A segunda, elaborada em seu *Seminário 20* (1985), lê a frigidez como uma manifestação desse gozo outro, que não se inscreve na linguagem e que se situa no extracorpo:

A pretendida frigidez, para retomar o tom irônico de Lacan, seria reinterpretada a partir da perspectiva desse outro gozo, desta clínica do não todo. Não somente na ordem da defesa, mas como outra maneira de compreender um além do falo, cifra de uma transigência que dá acesso à outra sensibilidade, à outra forma de ausência, não somente como uma insensibilidade restringida (Barbosa, 2018, s/p).

Histeria: entre clínica e laço social

Como proferido por Soler: “Freud não teria inventado a psicanálise sem a amável colaboração das histéricas.” (2003, p. 6). A história da histeria e sua relação com a feminilidade, no entanto, precede Freud e remonta à Grécia de Hipócrates, onde era compreendida como uma doença própria do útero (*hystera*). Durante a idade média, ganha conotações pecaminosas e é associada à possessão demoníaca. É a partir da modernidade que ela se desvincula do útero, mas somente com Charcot alça à categoria de doença, diferenciando-se das crises convulsivas de causas orgânicas. No discurso médico, a histeria

primeiro alcança a categoria de entidade psicopatológica no DSM-III. Após isso, é destrinchada em diversas outras categorias, *As psiconeuroses de defesa*, Freud (1894) até desprender-se completamente de sua nomenclatura original. Hoje encontramos seus resquícios em um número cada vez maior de patologias (Safatle, Júnior & Dunker, 2018).

Na psicanálise, falar de histeria é retomar a história da própria formulação da teoria do inconsciente. Em a compreende como uma neurose de defesa que deposita no corpo a carga afetiva de conteúdos psíquicos negados.

Em *Patologias do social*, histeria e feminilidade se entrelaçam na medida em que Freud compreende o sintoma histérico como uma frustração inconsciente frente à ausência do falo (Freud apud Safatle, Júnior & Dunker, 2018).

Na histeria, a mulher, em sua tentativa de inventar uma causa que tampona a falta de um significante capaz de nomeá-la, aborda a sexualidade à maneira do homem (na ostentação fálica) e tenta também sustentar-se pelo culto de uma feminilidade misteriosa, encarnada no corpo de outra mulher (Barbosa, 2018).

O desejo histérico, portanto, se organiza dentro de uma estrutura triangular, em que se vê orientado pelo desejo do Outro. A histérica deseja a partir do que supõe desejar o Outro, ou seja, um ideal narcísico inatingível (Safatle, Júnior & Dunker, 2018).

Há, no entanto,

um repúdio à posição de objeto sexual que lhe destina a fantasia masculina: A histérica mantém-se como objeto do desejo do Outro na medida em que ela evita tornar-se o objeto do seu gozo - nesta última condição, ela tende a se sentir usada pelo Outro, considerar-se como mero instrumento de sua satisfação (Safatle, Júnior & Dunker, 2018, p. 303).

Em Lacan, a histeria alça à categoria de estrutura, que, como dito por Júlia Catani, ganha ao longo da história diversos contornos que não deixam, no entanto, de articular-se à histeria freudiana e “o sofrimento psíquico que, ao não poder ser dito, exprime-se no corpo e assume diversas configurações associadas às condições histórico-sociais” (Ambra & Silva Jr, 2014, p. 55).

Ao elaborar uma teoria das estruturas psíquicas baseando-se na posição do sujeito frente à castração, Lacan define a neurose a partir do mecanismo de recalçamento. Neste processo, a histérica estrutura-se ao identificar-se com o objeto a, colocando-se no lugar daquilo que falta ao Outro (Fink, 2018).

Castro (2014) nos ajuda a estruturar o discurso da histeria a partir da sua relação com o gozo, com o desejo e com o Outro. No primeiro, referimo-nos ao caráter traumático do gozo do Outro, que é vivenciado na histeria como uma fragmentação do ser. As pulsões são sentidas aqui como uma intrusão advinda não do próprio corpo, mas do mundo externo. Isso não implica, no entanto, na ausência de gozo. Na histeria goza-se da privação, daquilo que Lacan cunhou como um mais-de-gozar.

Nesta supervalorização da falta, o que caracteriza o desejo histórico, portanto, é a insatisfação. E o que a histérica realiza, ao permanecer insatisfeita e ao colocar-se como objeto de desejo do Outro é apontar para a condição de castrado deste, incapaz de gozar sobre ela. Se o discurso do senhor busca esconder sua castração, cabe ao discurso da histeria “pô-lo a nu” (Castro, 2014, p. 93). Frente a isso, desvelar a falta do Outro e sobre ele triunfar é o artifício histórico (Fink, 2018).

Castro (2014), ajuda-nos a compreender o discurso histórico afirmando que “os vestígios do significante são exibidos no próprio corpo sob a forma de sintomas, que

funcionam como enigmas a serem decifrados, fazendo do sujeito um ponto de interrogação ambulante, uma incógnita a ser interpretada.” (p. 97). É a partir dessa lógica que Lacan toma a histeria como modalidade de laço social. A partir dos anos 60, o autor transpõe os limites da clínica para pensar a histeria como um discurso que não se restringe aos sujeitos histéricos, mas se estende para uma forma de relação social em que se reivindica, do Outro, um saber a respeito de si, uma pergunta incapaz de ser respondida. Se o desejo na histeria manifesta-se na forma de uma interpelação, podemos compreender que “o discurso da histeria está relacionado à ruptura de um paradigma” (Castro, 2014, p. 99), à contestação de um saber estabelecido.

Hoje, com as transformações sociais que redefinem os papéis de gênero, a histeria encontra novas formas de expressão.

Se antes as mulheres não tinham a possibilidade de dar opinião ou expressar seus desejos, esse caminho mostra-se bem menos obstruído atualmente: elas podem estudar na universidade, trabalhar, participar da vida política, não precisam restringir-se aos cuidados com os filhos, etc. (Safatle, Júnior & Dunker, 2018, p. 316).

Na contemporaneidade, mudam os papéis de gênero e também os ideais egóicos colocados sobre a feminilidade, mas o sofrimento histórico permanece a denunciar algo (Rocha, 2014).

Os imperativos de gozo neoliberais e seus efeitos no feminino

Em seu livro *Sociedade do Cansaço* (2015), Han afirma que a lógica em vigor na sociedade disciplinar de Foucault já não opera sobre a sociedade pós-moderna. A essa, o autor dá o nome de sociedade do desempenho, onde agressor e vítima confundem-se, e o explorador torna-se, ao mesmo tempo, explorado de si mesmo.

No discurso meritocrático que rege o neoliberalismo, o sujeito é o único responsável pelo próprio sucesso. Ele é, portanto, livre para escolher o caminho do crescimento pessoal e profissional e sob esse regime de liberdade paradoxal, o sujeito vê-se aprisionado a

parâmetros de desempenho e produtividade cada vez mais adoecedores. Esta aparente positividade, que rege o discurso neoliberal, força o sujeito a uma performance que o leva ao esgotamento e ao esvaziamento subjetivo. É neste sentido que Han afirma ser, a sociedade do desempenho, produtora de depressivos e fracassados (Han, 2015, p. 25).

Sob um outro aspecto, a sociedade do desempenho é também aquela da superexposição, onde a vida e os corpos se tornam narrativas a serem validadas por um Outro virtual. Aqui, a barreira entre público e privado se desmantela, jogando sobre o sujeito o fardo de sustentar uma eterna performance de si (Han, 2015).

Sob a perspectiva psicanalítica, se a teoria freudiana a respeito da histeria foi concebida em uma época em que a mulher via-se enclausurada aos papéis do lar, como podemos pensá-la após as mudanças sociais que ocorrem com a chegada da pós-modernidade?

Em seu ensaio *O que a histeria pós-moderna tem a denunciar*, Rocha (2014) retorna a Lacan para afirmar que a ilusão de liberdade que circula os meios culturais ocidentais acabam por criar uma espécie de desalojamento subjetivo, em que, frente ao excesso de possibilidades, o sujeito contemporâneo vê-se desamparado. “É esta a face mortífera que a liberdade criou por não permitir a existência da perda” (p. 230). Essa ilusão nada mais seria que uma outra face do superego, que não mais interdita o gozo, mas impõe sobre o ego a sua exigência. Nesta “ditadura do superego” (p. 235), a vida se torna um constante campo de gozo que liquida as possibilidades de simbolização. Frente a ideais egóicos cada vez mais aniquiladores do desejo, a histeria tem algo a denunciar. É inegável que

A sociedade contemporânea emancipou uma considerável parcela do gênero feminino, especialmente das classes mais abastadas, do calabouço da sexualidade da clássica alfaiataria das longas e tradicionais vestes da era vitoriana. No entanto, propusemos como ideal feminino um modelo fálico que se mantém assustadoramente

arraigado a um funcionamento utilitarista. Uma unilateralidade de aprisionamento gozoso a um objeto que possa garantir sempre o mesmo: um estado de gozo obrigatório, efêmero e fugidio.” (Rocha, 2014, p. 237)

Entre outros aspectos, “o sofrer histórico contemporâneo aponta para a impossibilidade de se alcançar os padrões idealizados colocados sobre o gênero feminino” (Rocha, 2014, p. 238).

Capítulo 2: Metodologia

Esta pesquisa será realizada a partir do método qualitativo, com base nos princípios metodológicos da Análise de Discurso em articulação com as contribuições teórico-clínicas da psicanálise.

O método qualitativo de pesquisa em ciências sociais busca construir conhecimento a partir dos significados que são atribuídos aos fenômenos a partir de experiências subjetivas e intersubjetivas. O objeto dessa linha de pesquisa é o universo das produções humanas, sendo essas as representações e a intencionalidade (percepções, crenças e desejos) dos sujeitos permanentemente em relação com o mundo (Minayo, 2009).

Para compreender a Análise do Discurso, entende-se, para Orlandi (2009) o conceito de discurso como o efeito de sentidos criados entre interlocutores. Para o autor, diferentemente da língua, o discurso trata não da gramática em questão, mas do aspecto inerente ao texto que marca movimento, a partir da produção de sentido que vai sendo construída simbolicamente, e que diz respeito ao sujeito que fala, aos seus laços sociais e à sua história. Através do discurso o homem significa-se e significa o mundo, estando na base da produção da existência humana. O discurso articula o que é dito e a ocasião em que se é dito. Assim, procura-se descentrar a noção de sujeito inserindo-o em um contexto histórico, cultural e social, relativizando a autonomia do objeto da linguística. Orlandi (2009, p. 45) escreve: “o discurso é o lugar onde se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por e para os sujeitos.”

Não existe sentido sem interpretação, e este fato aponta para a existência da ideologia. A ideologia produz evidência de que existe ali uma dimensão imaginária que enlaça o homem às suas condições materiais de existência. É atravessado pela ideologia que o homem torna-se capaz de produzir sentido, de atuar a partir do discurso, e somente a partir dela que se torna possível o compartilhamento de uma realidade percebida coletivamente, através de um sistema de significações.

Nem a linguagem, nem os sentidos nem os sujeitos são transparentes; eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente.” (Orlandi, 2009, p. 15)

Para isso, torna-se necessária a subversão do sujeito fechado em si mesmo e a compreensão da subjetividade a partir do indivíduo interpelado pela história e pela linguagem. Como consequência, o sujeito só tem acesso a parte do que diz, uma parte imaginária. No discurso, ele ocupa um lugar que o insere na linguagem e que o coloca em sua condição de sujeito. A Linguagem é falada a partir desse lugar, e o sujeito é, através dele, falado, como se a linguagem falasse pelo sujeito, e não o contrário. É isso que possibilita o estabelecimento de uma identidade dentro do social (Orlandi, 2009).

A psicanálise é, por sua vez, um procedimento de investigação do inconsciente (Figueiredo e Minerbo, 2006) e diferencia-se das demais formas de investigação, quantitativas e qualitativas, primeiro por não pretender, a partir de suas análises, estender generalizações, e segundo por trabalhar a partir do significante. Este, diferentemente do signo, que marca e se antecipa ao sujeito, relaciona-se com o inconsciente a partir de operações metafóricas e metonímicas. A partir dessa compreensão, a significação de uma fala fica circunscrita não a unidades de palavra sucessivas, mas ao conjunto da sequência falada. Dessa forma, o significante rompe com a suposta realidade do mundo e “só é significante para determinado sujeito em determinada situação” (Iribarry, 2003, p. 119).

É a partir deste entendimento a respeito da linguagem que a pesquisa psicanalítica se torna possível. E nela, o pesquisador torna-se o primeiro sujeito, estando inevitavelmente implicado na sua investigação. Dessa forma, entende-se que a pesquisa será atravessada pela interferência subjetiva do pesquisador (Iribarry, 2003).

Procedimento de coleta do material

Inicialmente, o projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética do UniCeub.

Uma vez aprovado, as participantes foram selecionadas por meio de um formulário (Anexo A), contendo TCLE (Anexo B), disponibilizado nas redes sociais. Após eleger, por meio deste, três mulheres, maiores de dezoito anos, que apresentaram queixas em relação ao seu desejo sexual, entrei em contato para uma possível entrevista, que foi conduzida de forma online, por meio do Google Meet. Anteriormente a ela, foi solicitada a assinatura do TCLE (Anexo C). As entrevistas, semi-estruturadas, foram compostas por dez perguntas (Anexo D). Foram também gravadas, com a autorização das participantes, e em seguida transcritas.

Procedimentos de análise do material

As informações coletadas foram organizadas e analisadas a partir de cinco procedimentos: (i) identificar as posições subjetivas de cada participante no discurso, considerando suas falas, o que compreendem acerca de sexualidade feminina e seus impasses, bem como suas percepções sobre a temática em sua própria vivência; (ii) destacar paráfrases, metonímias, metáforas e repetições temáticas, de maneira atenta às construções simbólicas; (iii) perceber os mecanismos ideológicos e culturais nos discursos; (iv) formular hipóteses sobre o que não é dito nos discursos, ou seja, os sentidos subentendidos nas falas das participantes; e (v) investigar as cadeias associativas que estruturam o discurso das participantes, levando em consideração as relações levantadas por elas e aquelas identificadas pela entrevistadora.

Capítulo 3: Resultados e discussão

A partir da escuta de três mulheres a respeito de seus ideais de feminilidade e seus desejos, angústias, insatisfações e fantasias no campo da sexualidade, se compõe o capítulo de resultados e discussão deste trabalho, que se destribe em: (i) *uma breve apresentação, em tabela, das mulheres entrevistadas*, (ii) *Tornar-se mulher: o corpo feminino como condenatório*, (iii) *Ideais de feminilidade* e (iv) *A histeria contemporânea*.

Apresentação, em tabela, das mulheres entrevistadas

A seguir, a tabela 1 apresenta a caracterização, para além de identificações sociodemográficas, das participantes das entrevistas semiestruturadas. Os nomes, fictícios, estão na ordem em que as entrevistas foram realizadas.

Tabela 1*Caracterização das participantes*

Nome	Descrição
Helena	Mulher branca, cisgênero, heterossexual, 24 anos. Traz queixas de falta de desejo sexual e dor durante a penetração.
Eva	Mulher branca, cisgênero, heterossexual, 25 anos. Vive, em seu atual relacionamento, uma diminuição do desejo sexual que se traduz em falta de libido e insatisfação no sexo.
Atena	Mulher branca, cisgênero, panssexual, 24 anos. No início da sua vida sexual, apresentava dor intensa durante a penetração e impossibilidade de gozar.

Tornar-se mulher: o corpo feminino como condenatório

Se no século XIX a psicanálise surge ao dar voz ao desejo histórico de um feminino, europeu e burguês, enclausurado aos papéis do matrimônio e da maternidade, que

contribuições pode ela trazer para a leitura da sexualidade feminina em uma contemporaneidade marcada pelo imperativo de gozo? É esta a pergunta que orienta este trabalho, e para respondê-la, começo entrelaçando as ideias de feminilidade trazidas pela psicanálise com os discursos de Helena, Eva e Atena, para mapear que lugar ocupa a feminilidade nos dias de hoje.

Birman (2001) nos aponta que, para Freud, o ponto de partida dos diferentes percursos tomados pela mulher no seu processo de subjetivação seria sempre “o horror da constatação e o reconhecimento trágico de sua condição castrada” (p. 203). Toma-se aqui a construção Lacaniana que compreende a castração como aquilo que legisla sobre o gozo infinito, marcando a falta (Bruno & Guillen, 2012). O falo, nesta ótica, exprime-se pelas ideias de potência, completude e insubmissão à lei.

Dou início às entrevistas fazendo um questionamento sobre o que seria o “ser mulher”, para elas. O que surge aponta sempre para uma percepção de desigualdade e condenação. Atena, a terceira entrevistada, nos ilustra esta ideia fazendo um comparativo entre a forma como via ser tratado seu corpo feminino, em relação àquele masculino. Chega a afirmar, em determinado momento de sua entrevista, seu desejo infantil por ser homem:

Eu queria ser um menino, porque qual era a vantagem que eu tinha?

A medida que crescia e a puberdade desembocava na vida fértil, Atena via-se cada vez mais apavorada:

Eu me lembro que quando eu menstruei a primeira vez eu fiquei desesperada e eu não queria aquilo, porque a menstruação era um sinal de que você estava condenada a ser mulher. E aí eu me vi presa neste corpo.

A menstruação, símbolo da vida fértil e da possibilidade de procriar, passa a ser vista também como condenação:

Eu vi minhas primas engravidando cedo, eu vi elas casando. Eu vi minhas primas que eram extremamente independentes largando os estudos pra lavar roupa, pra cuidar de casa, e eu via que os maridos não paravam de trabalhar, então eu vi que esse corpo tinha uma condenação social tbm.

Esse traço condenatório marca também o discurso de Helena. Ao ser perguntada como é ser mulher para ela, responde utilizando-se dos significantes: “sufocamento” e “repressão”. Fala que ao tornar-se adulta, é algo como o qual “fazer as pazes”.

Para Eva, os significantes que marcam a feminilidade são: medo e vulnerabilidade:

Acho que ser mulher para mim, no geral, envolve medo. Sim medo porque eu me sinto vulnerável. Tipo assim: estar em locais públicos, viajando também, tipo, não tenho coragem de viajar sozinha, porque eu tenho medo de acontecer alguma coisa comigo e tipo assim, não saberem o meu paradeiro, enfim. Tenho medo de me relacionar com um cara maluco...

A partir dessas falas, vemos a castração significada não pela ausência do pênis (Freud, 1905/1996), mas pela percepção social, por parte da menina, de que seu corpo carrega uma desvantagem condenatória, em relação àquele masculino.

Na escolha histórica, frente à angústia da ausência do falo e de um significante capaz de nomear a feminilidade, resta à mulher mimicar o desejo do Outro para que possa então ocupar um lugar neste. Isso implicaria um processo de identificação, da mulher, com um ideal feminino fálico inatingível (Safatle, Júnior & Dunker, 2018).

Ideais de feminilidade

Nesta seção, investigaremos que ideais de feminilidade constroem o imaginário e a identificação histórica na contemporaneidade.

Se historicamente os significantes do casamento, do lar e da família concederam às mulheres um lugar de reconhecimento social (Birman, 2017), para as mulheres entrevistadas, parecem assumir sentidos castradores. Hoje em dia, com a mudança nos papéis de gênero, as

mulheres conquistaram a possibilidade de ocupar outros lugares sociais fálicos, antes restritos ao masculino. Os ideais de feminilidade, neste processo, transformam-me, dando às históricas novas medidas de identificação.

Segundo Han (2014), o que marca a contemporaneidade é um discurso neoliberal de culto à individualidade, ao desempenho e à produtividade. Nas palavra de Alves (2019, s/p):

neste cenário de suposta liberdade, patriarcado e neoliberalismo se retroalimentam por meio de mecanismos em que a violência já não se exerce mais na forma de legislações discriminatórias, mas é também fomentada por uma poderosa indústria cultural, que transforma tudo em mercadoria, inclusive os corpos e as sexualidades das mulheres.

Ao falar sobre sua primeira relação romântico-sexual, Eva afirma ter vivido “um conto de fadas”, que após a primeira relação sexual, “foi ladeira abaixo”. Logo ela começou a sentir-se ameaçada por outras mulheres e pela sua falta de experiência sexual em relação à do companheiro. A sensação de que jamais seria amada por outro homem lhe tomou conta e vivia sentindo que “o mundo estava prestes a cair em sua cabeça”:

Minha autoestima me deixava tipo (...) me sentindo inferior mesmo, como mulher, sabe? Achando que eu poderia ser substituída e que, tipo, que eu não era o suficiente.

A sensação de insuficiência e o medo de ter seu lugar tomado por uma mulher mais desejável povoam suas fantasias. Estava em jogo, para ela, o ideal de uma mulher fálica (Safatle, Júnior & Dunker, 2018).

Como influências da sua feminilidade, Eva aponta para atrizes que considera “sexy”.

“O que você acha que tem nessas mulheres?” Eu pergunto.

Eu não sei, eu não sei se é tipo a forma de se posicionar tipo... Sei lá, assim, sabe? Uma coisa mais, enfim... Eu não sei se é porque elas fizeram algum curso sobre isso. Passa muitas coisas na minha cabeça... ou se já é uma coisa natural, sabe, da pessoa. Às vezes eu acho que é natural, mas outras eu acho que elas trabalham nisso, sabe?

Eva não parece encontrar as palavras para descrever o que torna essas mulheres desejáveis. Cria hipóteses. Mas são insuficientes. Existe, nela, a frustração e o anseio intensos por se “desabrochar” enquanto mulher:

Mas tipo assim, eu acho que eu ainda não explorei totalmente a minha feminilidade, sabe? Tipo o ser mulher. E se também eu vou conseguir isso um dia, sabe? Tipo, eu não sei. Tenho uma questão meio de bloqueio interno mesmo, sabe?

Falando ainda sobre a necessidade de “desbloquear” seu feminino, Eva menciona uma indicação dada por uma antiga terapeuta:

É uma dança cigana, ela não me explicou muito bem, sabe? É mais voltado para essa questão do feminino, né, de empoderamento. É tipo um pole dance, sabe?

Em seu discurso, vê-se a feminilidade passando a um patamar de produto: um determinado algo, capaz de fazer desejar ao Outro, que poderia, de alguma forma, ser conquistado através de “cursos”, “trabalhos” e “danças”. Para Atena:

tudo que a gente conhece como feminino é consumo. Então é maquiagem, é roupa, é calcinha, é sutiã, é depilação, é skin care, é academia pra perder peso, é remédio pra emagrecer, é uma determinada dieta, é terapia pra aceitação, pra você conseguir manipular mais o homem ou deixar de ser solteira. É consumo isso.

Sua fala parece dizer sobre a mascarada feminina, esta ideia de que a feminilidade na verdade se ancora não em uma essência feminina, mas em objetos fálicos que se acoplam à mulher e a ajudam a estruturar o universo feminino (Barbosa, 2018). A feminilidade, sob essa perspectiva, torna-se, de fato, um objeto de consumo que visa fazer desejar.

Falando sobre a condição da mulher na contemporaneidade, Atena aponta que:

(...) antes, pelo matrimônio, tudo bem você não gostar de transar. Tudo bem você ser frígida, tudo bem você gostar de determinado tipo de sexo esquisito ou sei lá... isso

não definia o seu valor como mulher, porque o seu valor tava associado a um casamento. Você já conseguiu aquilo, então tudo bem se você engordar, tudo bem. Tipo, seu marido vai ter uma amante de qualquer jeito. Mas existia uma garantia social ali. Você vai ter filhos. Você vai sair daqui com alguma coisa. Agora não. Agora o corpo na nossa sociedade é um signo de condenação, de novo, de condenação feminina. E ele reduz tudo que a mulher é à imagem do que ela é.

Conversando sobre os avanços dos direitos concedidos às mulheres no último século, pergunto a Atena se ela acredita que hoje em dia as mulheres têm maior soberania sobre os próprios corpos. Ela responde:

Não. Porque a nossa relação com o nosso corpo ainda é muito mediada pro outro, né? (...) quando não é o outro, quando não é outra pessoa, assim, é a mídia, é o padrão estético, é o Instagram. (...) E eu acho que isso é uma grande ilusão, assim, essa coisa de “nós somos donos do nosso corpo, agora”. Justamente por conta que agora você pode ser o que você quiser, e esse poder é uma condenação maior ainda.

Em uma era de mídias sociais, os ideais de feminilidade são marcados pela capacidade de se desempenhar uma performance desta. A identificação histórica é elevada, aqui, ao seu ápice, e tudo o que resta do feminino é uma imagem.

O campo sexual, neste cenário, torna-se palco para responder a tais ideias.

Relacionando-se a isso, Helena revela sua vergonha em não ser ativa sexualmente:

(...) uma coisa que tem me pegado ultimamente é que eu tenho 24 anos. E tipo, eu me sinto muito inexperiente, sabe? Eu acho que para nossa cultura 24 anos já é uma idade que claramente, se você perguntar, todo mundo já teve relação, né? E aí é isso. Eu me sinto muito inexperiente. (...) Eu fico pensando “nossa como eu vou conhecer alguém agora, como é que eu vou explicar” né? Que eu tive pouquíssimas experiências, né?

Pergunto-lhe por que o fato de você não ter tido tantas experiências diminuiria o desejo de um futuro parceiro por ela. Helena responde:

Porque eu acho que eu não ia conseguir ter uma relação boa, né? Não ia conseguir entregar uma coisa de quem tem mais experiência, sabe? Eu acho que um sexo bom, né.

Helena associa o sexo a uma exigência que precisa “entregar”. O gozo, não mais interdito, mas posto como demanda, acaba por colocar sobre o ego ideais cada vez mais aniquiladores do desejo. Retorno a Rocha para lembrar que, no cenário contemporâneo,

propusemos como ideal feminino um modelo fálico que se mantém assustadoramente arraigado a um funcionamento utilitarista. Uma unilateralidade de aprisionamento gozoso a um objeto que possa garantir sempre o mesmo: um estado de gozo obrigatório, efêmero e fugidio (Rocha, 2014, p. 237).

O que a falta de desejo sexual e a recusa ao gozo, nas mulheres entrevistadas, pode nos dizer a esse respeito, então?

A histeria contemporânea

Para responder a essa questão, retorno à entrevista com Eva. Em seu primeiro relacionamento, que define como “abusivo”, ela afirma ter tido uma vida sexual agitada e empolgante, muito diferente da que vive hoje com seu atual namorado, com quem considera ter uma relação “saudável”. Neste outro, viu seu desejo sexual diminuir consideravelmente.

Para Lacan, a histérica, frente à percepção de sua castração, busca assumir a posição de falo para um Outro. Ocupar o lugar de objeto de desejo é, para ela, estruturante (Fink, 2018). É esta percepção da mulher enquanto objeto que está em jogo para Eva. São tênues, no entanto, os limites entre ser objeto de gozo, fator repulsivo para a histérica (Castro, 2014), e objeto de desejo, que a permite, em certa medida, apontar para a falta presente no Outro.

Ao ser perguntada como foram seus primeiros encontros com a sexualidade, Eva dá uma longa pausa. Parece buscar as palavras certas. Em sua fala hesitante, ela revela que o início da sua masturbação na adolescência teria como motivo uma fala específica de sua avó:

você tem que falar com a sua mãe para né, eles transarem mais porque seu pai precisa de sexo

Dessa fala, Eva conclui:

meu pai sempre foi mais... assim, sempre eu vi que meu pai precisava de sexo e que minha mãe não dava sexo suficiente para ele.

Suas falas parecem relacionar o início da sua vida masturbatória a uma demanda do Outro paterno.

Ao ser perguntada por mulheres que a influenciam em sua vida, Eva responde com aquela que, segundo ela, menos a inspira: sua mãe.

Eu acho que eu não quero ser igual a minha mãe. Só que eu acabo indo muito para esse lado, tipo assim, sabe? De não ter muito esse desejo sexual. Enfim, eu não sei por que ela é assim, né? Ela nunca falou sobre isso. Mas conforme eu vou ficando mais velha, eu tô indo meio que pelo mesmo caminho que ela foi, sabe?

Vê, no entanto, certa inevitabilidade, como se fosse destino tornar-se igual a mãe. Tal como ela, Eva hoje usa seu cabelo curto e afirma:

E não sei, eu acho... É até incrível o fato de eu me sentir feminina de cabelo curto, sabe? Porque um tempo atrás isso foi uma questão, eu tinha cortado o cabelo curto assim, há uns nove anos atrás, mais ou menos, nem sei. E aí foi uma questão para mim, sabe? Porque apesar de usar vestido e tudo mais, tipo, eu não me sentia feminina.

Se antes, adepta aos vestidos curtos, maquiagem e cabelos longos, vivia uma conturbada vida afetiva, de desejo sexual intenso, hoje, de cabelo curto e roupas largas que amenizam suas curvas, se vê em um relacionamento marcado pelo “companheirismo” e pela “confiança”. Apesar de dizer sentir falta da excitação sexual vivenciada anteriormente, diz sentir-se infinitamente mais feliz neste cenário de insatisfação.

Costurando essas falas com seu discurso a respeito dos dois relacionamentos supracitados, vemos que submeter-se a um namoro controlado pelo ciúme e pela insegurança, mas de vida sexual intensa (de certa forma, ser tomada como objeto de gozo) a levou aos sentimentos de medo e vulnerabilidade. Em seu atual relacionamento, em que mantêm a si e ao parceiro sexualmente insatisfeitos, goza a partir de um lugar outro, a partir de um mais-de-gozar advindo da privação (Castro, 2014).

Nos parece que ao cultivar a insatisfação, identificando-se cada dia mais com a mãe, Eva responde à demanda de gozo do pai sobre esta outra, preservando sua posição enquanto objeto de desejo na sua relação com o Outro.

Esta manobra de preservação da insatisfação, na histeria, tem a função de apontar para a condição de castração do Outro, incapaz de gozar sobre ela.

Como vimos em Castro (2014) o desejo na histeria manifesta-se na forma de uma interpelação. Tanto na idade média, onde era concebida a partir da ideia de possessão demoníaca (Safatle, Júnior & Dunker, 2018), quanto na época vitoriana, em que colocava os saberes médicos à prova, a histeria surge como um enigma, uma interpelação do saber que legislava sobre a sexualidade das mulheres (Soler 2003).

Ao manterem-se insatisfeitas, as históricas apontam para os efeitos aniquiladores dos imperativos de gozo contemporâneos. Sob essa ótica, a sua insatisfação sexual nos assinala que, pelo menos em partes, a libertação feminina no campo da sexualidade permanece sendo uma mascarada, um ideal fálico colocado sobre o feminino que não se sustenta.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi investigar os impasses do desejo feminino na contemporaneidade, utilizando-se dos conceitos psicanalíticos de feminilidade, histeria e imperativo de gozo. Para tal, se iniciou investigando os sentidos de feminino para as entrevistadas, e se encontrou que, atualmente, o complexo de castração é atravessado pela percepção social, por parte da menina, de que seu corpo carrega uma desvantagem condenatória, em relação àquele masculino.

Frente a essa percepção, e à falta de um significante capaz de nomear a feminilidade, aprofunda-se a respeito da saída histérica, que encontra, na suposição sobre o desejo do Outro, um lugar para si. A histérica supõe localizar, o desejo do Outro, em outra mulher, aparentemente fálica, e identifica-se com esta ((Barbosa, 2018 & Safatle, Júnior & Dunker, 2018).

Investigamos então os ideais de feminilidade na contemporaneidade, e encontramos que as mudanças nos papéis de gênero não restringem mais a mulher aos papéis da maternidade e do casamento. Em um contexto neoliberal, as mulheres conquistaram o direito ao trabalho, à política e, supostamente, aos seus corpos (Alves, 2019). No entanto, começamos a perceber, por meio da fala das entrevistadas, que por trás desses discursos há também a imposição de uma série de imperativos de desempenho e performance. A violência, antes atribuída à repressão da sexualidade feminina, é hoje impulsionada por uma cultura que transforma tudo em mercadoria, inclusive os corpos e as sexualidades das mulheres (Alves, 2019).

A partir das ideias de sociedade do desempenho, de Han (2015), e de imperativo e de gozo, de Lacan (Rocha, 2014), compreendemos que o valor da mulher não mais se define pelo casamento, mas pela sua capacidade de desempenho, tanto na vida íntima, quanto na

pública. A sexualidade, neste sentido, passa a ser tomada como mais uma demanda fálica. Neste cenário de repúdio à falta, a subjetividade vê-se aniquilada, presa a um estado de gozo obrigatório, efêmero e fugidio (Rocha, 2014, p. 237).

Saindo de uma visão clínica para pensarmos a histeria enquanto discurso, podemos tomar a falta de desejo sexual feminina como um sintoma social que questiona um saber estabelecido e uma lógica imposta (Castro, 2014). Neste caso, este sintoma nos revela a falha na lógica fálica que estrutura a contemporaneidade neoliberal, que exige um estado perpétuo de produtividade e gozo. Ele aponta, em última instância, para a necessidade do reconhecimento da falta e do desejo que dela surge.

Frente ao que foi encontrado na pesquisa, pode-se concluir que os objetivos iniciais estipulados foram alcançados. É relevante ser dito, no entanto, que as entrevistas foram feitas com um público pouco amplo de mulheres: todas brancas e entre 20 e 30 anos. Frente a isso, seria rico retomar esta pesquisa com a participação de diferentes recortes sociais.

Referências Bibliográficas

- Abdo, C. H. N. (2004). *Estudo da vida sexual do brasileiro*. São Paulo: Bregantini.
- Alves, I. G. (2019). Neoliberalismo sexual: o mito e a sedução da liberdade nas sociedades formalmente igualitárias. *Revista Estudos Feministas*, 27(2), e59275.
<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n259275>
- André, S. (1998). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Imago.
- Barbosa, M. S. (2018). *Devastação feminina: a outra face do amor*.
- Bezerra, S. (2021). *De tabu à indústria bilionária: o que faz o sextech crescer tanto?* StartSe. Disponível em:
<https://www.startse.com/artigos/de-tabu-a-uma-industria-bilionaria-o-que-e-sextech-e-por-que-tem-crescido-tanto/>
- Birman, J. (2002). *Feminilidades*. Rio de Janeiro: Contracapa.
- Birman, J. (2017). *Gramáticas do erotismo*. Editora José Olympio.
- Byung-Chul Han (2015). *Sociedade do Cansaço*. Editora Vozes.
- Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID - 10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artmed, 1993. Outro(s) Autor(es): Caetano, D. (trad.).
- Delgado, R. H. (2017). *Sociedad e histeria: el síntoma como crítica y subversión*. Teoría y Crítica de la Psicología, (9), 274-281.
- Figueiredo, L. C., & Minerbo, M. (2006). *Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo*. J. psicanal., São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006. Recuperado de
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso

Fink, B. (2018). *Introdução clínica à psicanálise lacaniana*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

Fontoura Jr, A. (2013). *O papel das representações sociais de gênero nos debates sobre a conjugalidade e o swing: a visão das revistas masculinas durante a década de 1970*.

Foucault, M. (1988). *História da sexualidade, vol. 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

Freud, S. (1996/1933). Conferência XXXIII: feminilidade. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, 22, 113-134.

Freud, S. (1996/1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. 7.

Freud, S. (1894). As psiconeuroses de defesa. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. 3.

Illich, I. *Sociedade sem escolas*. Editora Vozes Limitada, 2019.

Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Agora: Estudos em teoria psicanalítica*, 6, páginas.

Lacan, J. *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda*. [1972-1973]. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Leite, K. L. C. (2017). Implicações da moral religiosa e dos pressupostos científicos na construção das representações do corpo e da sexualidade femininos no Brasil. *Cadernos pagu*, e174922.

Léon, P. (2012). Um falso não todo. *Estudos de Psicanálise*, (37), 109-126. Recuperado em 19 de outubro de 2023, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000100011&lng=pt&tlng=pt.

Minayo, M. C. (2009). *Pesquisa Social - Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes.

Orlandi, E. de L. P. (2009). *Análise de discurso: princípios e procedimentos* (8ª ed.). Campinas: Pontes.

Oliveira, A. R., Elias, C. & Grokorriski, R. (2017). Contracultura dos anos 60 e revolução sexual na atualidade. *Anais Da Jornada Científica Dos Campos Gerais*, 15

Safatle, V., da Silva Júnior, N., & Dunker, C. (2018). *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico*. Autêntica.

Silva Junior, N. D., Ambra, P. E. S (2014). *Histeria & gênero: sexo como desencontro*.

Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

Valdivia, O. B.. (1997). *Psicanálise e feminilidade: algumas considerações*. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 17(3), 20–27.
<https://doi.org/10.1590/S1414-98931997000300004>

Anexo A

Dados Sociodemográficos: nome, idade, estado civil, profissão, orientação sexual, raça.

Avalie as seguintes afirmações e responda de acordo com a sua experiência:

1. Não sinto desejo de engajar em atividades sexuais (discordo plenamente - concordo plenamente)
2. Já experienciei um orgasmo (sim - não)
3. Demoro para atingir o orgasmo (discordo plenamente - concordo plenamente)
4. Sinto prazer no sexo (discordo plenamente - concordo plenamente)
5. Tenho fantasias sobre sexo (discordo plenamente - concordo plenamente)
6. Tenho mais facilidade em obter prazer sexual sozinha que com um parceiro/parceira (discordo plenamente - concordo plenamente)
7. Na maior parte das vezes, me sinto insatisfeita no sexo (discordo plenamente - concordo plenamente)
8. Sinto-me insatisfeita se não alcanço o orgasmo no sexo (discordo plenamente - concordo plenamente)
9. Sinto que o meu parceiro/parceira atinge o orgasmo mais facilmente que eu (discordo plenamente - concordo plenamente)
10. Sinto-me desconfortável durante o sexo (discordo plenamente - concordo plenamente)
11. Demoro a sentir desejo durante a atividade sexual (discordo plenamente - concordo plenamente)
12. Me sinto pressionada a performar sexualmente ou engajar em atividades sexuais (discordo plenamente - concordo plenamente)
13. Costumo fingir orgasmos
14. Estou disposta a deixar meu nome e contato para uma futura entrevista a respeito do tema: (Sim - Não)

Email: Telefone:

Anexo B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

“Entre a feminilidade e a histeria: um estudo psicanalítico a respeito das disfunções femininas”

Instituição do/a ou dos/(as) pesquisadores(as)/Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília.

Pesquisador(a) responsável: Livia Campos e Silva

Pesquisador(a) assistente: Sita Guimarães Oliveira Brasileiro

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma via do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem o objetivo de investigar, a partir dos conceitos psicanalíticos de histeria e feminilidade, as implicações subjetivas das disfunções sexuais femininas.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em responder a um questionário contendo 14 perguntas a respeito da sua sexualidade, organizadas em uma escala de cinco pontos que vai de “discordo totalmente” a “concordo totalmente”. O tempo de execução é, em média, de 10 minutos.
- A pesquisa será realizada via Google Meets, estando a pesquisadora e a participante em locais que proporcionem privacidade.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui risco de natureza leve. No entanto, é possível que as afirmações presentes no questionário desencadeiem sentimentos desagradáveis.
- Considerando os riscos potenciais deste estudo, caso seja necessário, será garantido o direito à assistência (imediata, integral e sem ônus) ao participante, devido a danos decorrentes da participação na pesquisa e pelo tempo que for necessário (Resolução CNS nº 466 de 2012, itens II.3.1 e II.3.2).
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo, ou poderá interromper sua participação a qualquer momento.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir para a ampliação do conhecimento a respeito das disfunções sexuais femininas na atualidade.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados ficarão guardados sob a responsabilidade de Sita Guimarães Oliveira Brasileiro, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. O horário de atendimento do CEP-UniCEUB é de segunda a quinta: 09h às 12h30 e 14h30 às 18h30.

O CEP é um grupo de profissionais de várias áreas do conhecimento e da comunidade, autônomo, de relevância pública, que tem o propósito de defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Ao assinar abaixo, você confirma que leu as afirmações contidas neste termo de consentimento, que foram explicados os procedimentos do estudo, que teve a oportunidade de fazer perguntas, que está satisfeito com as explicações fornecidas e que decidiu participar voluntariamente deste estudo. Uma via será entregue a você e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

Caso tenha qualquer dúvida sobre a pesquisa, incluindo os danos possíveis, entre em contato com a pesquisadora responsável Livia Campos e Silva, pelo e-mail: livia.campos@ceub.edu.br, e com a pesquisadora assistente Sita Guimarães Oliveira Brasileiro pelo e-mail: sitaguima@sempreceub.com

Eu _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, ____ de _____ de _____.

PARTICIPANTE

NOME DO PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL, CELULAR, TELEFONE
INSTITUCIONAL E E-MAIL

NOME DO PESQUISADOR(A) ASSISTENTE, CELULAR E E-MAIL

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília

Endereço: SEPN 707/907

Bairro: Asa Norte / CEP: 70790-075 / Cidade: Brasília

Telefones p/contato:

Anexo C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

“Entre a feminilidade e a histeria: um estudo psicanalítico a respeito das disfunções femininas”

Instituição do/a ou dos/(as) pesquisadores(as)/Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília.

Pesquisador(a) responsável: Livia Campos e Silva

Pesquisador(a) assistente: Sita Guimarães Oliveira Brasileiro

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma via do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem o objetivo de investigar, a partir dos conceitos psicanalíticos de histeria e feminilidade, as implicações subjetivas das disfunções sexuais femininas.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em participar de uma entrevista semi-estruturada, que terá duração média de 1 (uma) hora, que visa aprofundar os temas apresentados no questionário respondido anteriormente, a respeito da sexualidade.

- A entrevista será realizada via Google Meets, estando a pesquisadora e a participante em locais que proporcionem privacidade.

- Visando a transcrição e a análise da entrevista, ela precisará ter seu áudio gravado. A gravação será absolutamente confidencial e terão acesso a ela apenas a pesquisadora e a pesquisadora assistente.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui risco de natureza moderada, por investigar, de forma mais aprofundada, os efeitos subjetivos das disfunções sexuais no feminino. Portanto, é possível que os temas abordados e os conteúdos que surgirem ao longo da entrevista gerem sentimentos desagradáveis.
- Considerando os riscos potenciais deste estudo, caso seja necessário, será garantido o direito à assistência (imediata, integral e sem ônus) ao participante, devido a danos decorrentes da participação na pesquisa e pelo tempo que for necessário (Resolução CNS nº 466 de 2012, itens II.3.1 e II.3.2).
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo, ou poderá interromper sua participação a qualquer momento.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir para a ampliação do conhecimento a respeito das disfunções sexuais femininas na atualidade.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados ficarão guardados sob a responsabilidade de Sita Guimarães Oliveira Brasileiro, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília –

CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. O horário de atendimento do CEP-UniCEUB é de segunda a quinta: 09h às 12h30 e 14h30 às 18h30.

O CEP é um grupo de profissionais de várias áreas do conhecimento e da comunidade, autônomo, de relevância pública, que tem o propósito de defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Ao assinar abaixo, você confirma que leu as afirmações contidas neste termo de consentimento, que foram explicados os procedimentos do estudo, que teve a oportunidade de fazer perguntas, que está satisfeito com as explicações fornecidas e que decidiu participar voluntariamente deste estudo. Uma via será entregue a você e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

Caso tenha qualquer dúvida sobre a pesquisa, incluindo os danos possíveis, entre em contato com a pesquisadora responsável Livia Campos e Silva, pelo e-mail: livia.campos@ceub.edu.br, e com a pesquisadora assistente Sita Guimarães Oliveira Brasileiro pelo e-mail: sitaguima@sempreceub.com

Eu _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, ____ de _____ de _____.

PARTICIPANTE

NOME DO PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL, CELULAR, TELEFONE INSTITUCIONAL E E-MAIL

NOME DO PESQUISADOR(A) ASSISTENTE, CELULAR E E-MAIL

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília

Endereço: SEPN 707/907

Bairro: Asa Norte / CEP: 70790-075 / Cidade: Brasília

Telefones p/contato:

Ao assinar abaixo, você confirma que leu as afirmações contidas neste termo de consentimento, que foram explicados os procedimentos do estudo, que teve a oportunidade de fazer perguntas, que está satisfeito com as explicações fornecidas e que decidiu participar voluntariamente deste estudo. Uma via será entregue a você e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

Caso tenha qualquer dúvida sobre a pesquisa, incluindo os danos possíveis, entre em contato com a pesquisadora responsável Lívia Campos e Silva, pelo e-mail: livia.campos@ceub.edu.br, e com a pesquisadora assistente Sita Guimarães Oliveira Brasileiro pelo e-mail: sitaguima@sempreceub.com

Endereço dos(as) responsável(is) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília

Endereço: SEPN 707/907

Bairro: Asa Norte / CEP: 70790-075 / Cidade: Brasília

E-mail *

aneksilva@sempreceub.com

Eu, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo. *

Sim

Não

Nome completo e CPF: *

Ane Kelly da Silva Pereira - 02249548145

Ao assinar abaixo, você confirma que leu as afirmações contidas neste termo de consentimento, que foram explicados os procedimentos do estudo, que teve a oportunidade de fazer perguntas, que está satisfeito com as explicações fornecidas e que decidiu participar voluntariamente deste estudo. Uma via será entregue a você e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

Caso tenha qualquer dúvida sobre a pesquisa, incluindo os danos possíveis, entre em contato com a pesquisadora responsável Lívia Campos e Silva, pelo e-mail: livia.campos@ceub.edu.br, e com a pesquisadora assistente Sita Guimarães Oliveira Brasileiro pelo e-mail: sitaguima@sempreceub.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília

Endereço: SEPN 707/907

Bairro: Asa Norte / CEP: 70790-075 / Cidade: Brasília

E-mail *

Vanessa189@yahoo.com

Eu, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo. *

Sim

Não

Nome completo e CPF: *

Vanessa Di giorno costa 072 709 701 65

Ao assinar abaixo, você confirma que leu as afirmações contidas neste termo de consentimento, que foram explicados os procedimentos do estudo, que teve a oportunidade de fazer perguntas, que está satisfeito com as explicações fornecidas e que decidiu participar voluntariamente deste estudo. Uma via será entregue a você e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

Caso tenha qualquer dúvida sobre a pesquisa, incluindo os danos possíveis, entre em contato com a pesquisadora responsável Lívia Campos e Silva, pelo e-mail: livia.campos@ceub.edu.br, e com a pesquisadora assistente Sita Guimarães Oliveira Brasileiro pelo e-mail: sitaguima@sempreceub.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília

Endereço: SEPN 707/907

Bairro: Asa Norte / CEP: 70790-075 / Cidade: Brasília

E-mail *

isahrouver@gmail.com

Eu, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo. *

Sim

Não

Nome completo e CPF: *

Isa Natalha Coelho Rouver 02205510142

Anexo D

Dados sociodemográficos: nome, idade, estado civil, profissão, orientação sexual, raça.

1. O que é ser mulher pra você?
2. Qual o papel da sexualidade na sua vida? Como você lida com a própria sexualidade?
3. Você acredita que hoje em dia as mulheres têm maior soberania sobre a própria sexualidade? De que forma?
4. Como e quando foram seus primeiros encontros com a sexualidade? (Em termos de influências da mídia, do contexto familiar...)
5. Que influência você acha que a mídia (filmes, músicas, propagandas, internet) teve sobre sua forma de compreender a feminilidade e a sexualidade?
6. O que te fez topiar participar dessa pesquisa e quais pontos te chamaram atenção no questionário?
7. No questionário pelo qual entrei em contato, você respondeu algumas perguntas a respeito da sua sexualidade. Gostaria que me falasse um pouco sobre suas respostas.
8. Como você sente que isso (resposta à pergunta anterior) impacta a sua vida hoje em dia? (em termos de relacionamentos; de autoestima; de feminilidade)
9. Você já sentiu a necessidade de buscar soluções para isso? se sim, quais? Que efeitos elas tiveram sobre você?
10. Mais algum ponto que você gostaria de acrescentar a respeito do que conversamos?